



JACQUES  
O FATALISTA

Denis Diderot

# Jacques o Fatalista

E O SEU AMO



Tradução de  
Pedro Tamen

Prefácio de  
Eduardo Prado Coelho

L I S B O A :  
TINTA-DA-CHINA  
M M X I V

© 2009, Pedro Tamen e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9  
info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

© do Prefácio: Herdeiros de Eduardo Prado Coelho  
(anteriormente publicado por Edições Tinta Permante)

Título original: *Jacques le Fataliste et Son Maître*  
Originalmente publicado em 1796

Título: *Jacques o Fatalista e o Seu Amo*  
Autor: Denis Diderot  
Tradução e notas: Pedro Tamen  
(a partir do texto fixado por Pierre Chartier)  
Prefácio: Eduardo Prado Coelho  
Coordenador da colecção: Ricardo Araújo Pereira  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

Edição de bolso  
1.ª edição: Agosto de 2014  
ISBN 978-989-671-224-2  
Depósito Legal n.º 378283/14

## ÍNDICE



9  
Prefácio  
*de Eduardo Prado Coelho*

25  
JACQUES  
O FATALISTA  
E O SEU AMO

295  
Nota biográfica

PREFÁCIO  
*de Eduardo Prado Coelho*

A Paixão de Falar

Hipócrita leitor! Quantas vezes não disse, ou mesmo escreveu, que é fundamental ler os clássicos, se bem que tivesse sempre aquela reserva de que eles seriam um pouco aborrecidos, difíceis de acesso, desmotivadores? Mas então o Calvino não disse...? Disse, mas nós continuamos com essa ideia de que os «clássicos» são aqueles que se estudam nas «classes», e está provado que as crianças até gostam de ler, até que a experiência das leituras obrigatórias, gramaticalizadas, formatadas escolarmente, as desvia das boas leituras, e elas passam para outras formas de expressão artística que escapam à domesticação escolar (a música, o cinema). Mas quer isso dizer, preguiçoso leitor, que nós lemos e não precisamos de qualquer coisa que nos ajude a ler melhor, a mão de um amigo a que chamamos «crítico», uma mediação? Um «amigo crítico» não será uma contradição nos termos? Isso é pergunta de autor, molestado por objecções e desconsiderações, não de um leitor. Porque o leitor não nasceu a saber ler. Foi-se formando na arte de ler, como o foi na arte de ver, falar, tocar, amar – é o famoso programa da educação dos sentidos no qual o humano se forma como humano, ou mais humano, sempre mais humano.

Posso fazer uma pausa? Porque a conversa vai longa e não destituída de interesse, mas nós já não sabemos muito bem donde vimos e para onde vamos. Isto é o que define todas as conversas, mas talvez neste caso seja melhor pormos os pontos nos iis: isto, leitor, é um prefácio ao livro de Denis Diderot

(e eis já vão dois) intitulado *Jacques le fataliste*, clássico do século XVIII e obra que tem sido um objecto de estudo e de culto ao longo dos séculos, que sentimos terrivelmente viva e actual («terrivelmente» significa aqui que é no mais íntimo e complexo dos nossos sentimentos e pensamentos que este livro continua a intervir, e a interferir), e que por isso mesmo suscita tentativas de apropriação criativa (e não plagiadora, nessa zona indecisa em que as palavras dos outros são as nossas e as nossas são ainda as palavras dos outros), como a muito conhecida versão teatral de Milan Kundera (que há tempos a Escola da Noite, em Coimbra, levou a cena com grande êxito) ou ainda uma outra, certamente mais esquecida, de Luiza Neto Jorge, que Osório Mateus utilizou numa encenação que fez (e que se poderá encontrar num livro que já não deverá estar acessível nas livrarias, *O Fatalista de Diderot*, organizado por Maria João Brilhante, com o apoio de Osório Mateus e Luiza Neto Jorge, Helena Domingos e Margarida Barahona, para a editora Moraes, publicado em 1978). Temos agora uma tradução do «romance» de Denis Diderot numa versão de Pedro Tamen. O que é por si só uma garantia de qualidade insuperável. E aqueles que, apesar do cuidado das edições francesas, se sentem ofuscados com um vocabulário do século XVIII, em que certos termos são desconhecidos e outros mudaram hoje de sentido, terão no trabalho de Pedro Tamen uma ajuda luminosa.

O livro que vão ler tem um lugar na história do romance, vindo na linhagem de uma outra obra famosa, que o inspira e investe textualmente, e que é *Vida e Opiniões de Tristram Shandy*, de Laurence Sterne. De certo modo, há uma ideia de romance que parte daqui e que está presente em grande parte da literatura contemporânea (do já referido Milan Kundera a Philip Roth, de Italo Calvino a Danilo Kis) e que se caracteriza pelo menos por três aspectos:

a) a ideia de que o romance é um género literário que se define pela capacidade de incorporar todos os outros géneros literários e se desenvolver num processo híbrido;

b) a ideia de que esse processo de incorporação corresponde a algo de profundamente lúdico, isto é, a um jogo, mas um jogo que é levado tão longe e tão fundo que se transforma em última instância no jogo do mundo, no sentido metafísico do termo;

c) a ideia de que esse jogo e, por isso, o romance em geral, ou mesmo toda a arte no sentido forte do termo, tem sempre uma dimensão cognitiva, isto é, corresponde sempre a uma forma específica de conhecimento.

Isto tudo é espectacularmente confirmado com o livro de Diderot.

Não apenas porque em todo o livro o autor se permite uma desenvoltura de escrita e de pensamento que deixa no leitor aquele sentimento eufórico de que «tudo se tornou possível», e que, portanto, a capacidade de inventar ultrapassa tudo aquilo que é o dever de representar, mas também porque Diderot é um filósofo e o livro introduz permanentemente fórmulas e reflexões de tipo filosófico. Onde, o pensamento de Diderot está presente, seria possível cruzá-lo com as situações aqui narradas e ao mesmo tempo vivemos sempre à sombra de um grande nome da história da filosofia: Spinoza. Em Diderot, encontramos, precisamente na *Encyclopédie*, esta definição:

Não devemos confundir os spinozistas antigos com os spinozistas modernos. O princípio geral destes, os modernos, é que a matéria é sensível, o que eles demonstram pelo desenvolvimento do ovo, corpo inerte, que, apenas por intermédio do calor graduado, passa ao estado de ser que sente e vive, e pelo crescimento de qualquer animal que, no seu princípio, é apenas um ponto, e que por assimilação nutritiva das plantas, numa palavra, de todas as substâncias que servem para a nutrição, se torna um grande corpo que sente e vive num grande espaço. Daí eles concluírem que só há matéria e que ela basta para explicar tudo; quanto ao mais, seguem o antigo spinozismo em todas as suas consequências.

Ora é este profundo sentimento da materialidade das coisas que nos dá ao longo do livro um exaltante e contagiante sentido de vida, mesmo que num primeiro momento seja apenas, para utilizar uma antiquíssima expressão que Vasco Graça Moura escolheu como título de um dos seus livros, «a furiosa paixão pelo tangível».

O que é mais interessante é que, segundo uma linha de pensamento dito determinista, a grande frase de *Jacques le fataliste* é «tudo está escrito lá em cima», o que cria esta curiosa situação em que existe neste materialismo um «em baixo» e um «em cima», em que o «em cima» teria um tempo englobante que determinaria «em baixo» tudo o que acontece, aconteceu e virá a acontecer. É evidente que este princípio põe inúmeros problemas, a começar por aquele que resulta do sentimento da nossa liberdade: porque, se está escrito, eu não sou livre de escrever a minha própria vida. Mas não tenho consciência de que a escolho? – perguntará legitimamente o leitor. Sem dúvida. Contudo, uma tal consciência pode ser um mero logro, uma quimera. E, nesse caso, na medida em que eu me esforçar por tomar consciência daquilo que me constrange, libertando-me da minha ilusão e ignorância, eu tenderia a deixar de querer escolher, porque não valeria a pena, e nesse plano eu seria de certo modo ainda mais dependente e condicionado por aquilo que está escrito, porque o aceitaria conscientemente.

Há aqui a mistura de duas coisas. Uma delas é essa espécie de «sim» à vida que distingue Diderot e faz que ele se torne um desses autores que ajudam a viver (o que nem sempre é fácil, como podem facilmente concordar). Onde, aceitar o que está escrito é aceitar que as coisas sejam, e ver nessa necessidade de serem, por vezes violenta, por vezes dolorosa, uma alegria impiedosa mas solar, proclamando os dias do dia mas também os dias da noite. A segunda coisa é a subordinação a uma máquina de escrita cujo autor é desconhecido. Utilizo a expressão «máquina de escrita» de um modo deliberado. Porque é numa outra obra de filosofia, a de La Mettrie, e no seu livro *Homme-*

*-machine* que Diderot se inspira. La Mettrie foi um dos colaboradores da *Encyclopédie* e é certamente um dos grandes nomes da filosofia iluminista. Para La Mettrie, o homem é apenas uma máquina. Apenas? – perguntaremos nós. Não. É uma máquina prodigiosa, algo de uma complexidade que excede tudo o que poderíamos pensar — e ainda hoje, nas tentativas de biologização ou de naturalização das ciências humanas, sentimos até que ponto essa complexidade nos parece escapar sempre. Mas, como escreve La Mettrie, «há apenas uma Substância no universo e o homem é a mais perfeita».

A questão do «está escrito lá em cima» ocupa a totalidade das nossas vidas. Dou-lhes apenas um exemplo, muito pessoal. Quando o editor me solicitou amavelmente um prefácio para este livro, eu disse logo que sim. Foi dos livros que me ficaram dos tempos da Faculdade, quando fui aluno de Coimbra Martins, e que me deixou uma recordação excepcional de prazer, de verdadeiro júbilo, de autêntico deslumbramento, ao longo da sua leitura. Comecei a escrever, numa forma mais universitária e pesada (não quer dizer que os dois termos sejam necessariamente equivalentes) um texto de introdução, e depois senti que não era bem aquilo que estaria certo, e deixei que outras coisas se fossem interpondo, outras encomendas, outras solicitações, de tal modo que em dada altura o nome de *Jacques le fataliste* correspondia a um enorme sentimento de culpa e a um remorso infinito. Poderia dizer mil vezes que não estava escrito lá em cima que eu escrevesse este prefácio e no entanto eu tinha a sensação de que a culpa só podia ser minha, que indicava datas que depois não cumpria e arranjava pretextos para o não fazer (e não há nada mais fácil do que inventarmos pretextos para nos afastarmos dos textos que verdadeiramente importam). Entretanto, aconteciam milhentas coisas na minha vida que certamente estavam escritas lá em cima, mas nas quais eu me envolvia sempre com fúria, desespero, paixão ou angústia, como se não estivessem escritas em parte alguma e fosse eu a escrevê-las. O editor era de uma benevolência ilimitada, mas parecia-me que excedia

tudo o que a mim mesmo me parecia razoável. Neste momento a questão é: está ou não está escrito que eu escreva este prefácio? Começo a acreditar que sim. Mas será que este prefácio está escrito «lá em cima»? Disso estou certo que, quanto eu possa saber, não está, porque doutro modo eu não teria o trabalho, e não é pouco, de o escrever. O livro de Diderot é, como tudo o que eu estou aqui a contar neste momento, a demonstração de que a simples afirmação deste princípio filosófico não basta para que a gente não pense em mais nada, mas de que somos envolvidos numa sequência embaraçada e proliferante de paradoxos que de certo modo confirmam e demonstram a sua verdade. Ou melhor, dizem-nos que não há verdade estabilizada, e que, por conseguinte, o leitor e os protagonistas e o narrador, e o autor e o editor e o prefaciador que eu sou, são continuamente arrastados para uma geografia da verdade suspensa, onde ninguém sabe ao certo de onde vem e para onde vai.

O livro termina com Jacques concluindo a história tantas vezes adiada dos amores de Jacques (e essa insistente perversidade é uma das molas narrativas do romance) pelo casamento com Denise:

Alguns dias depois, o velho porteiro do palácio faleceu; Jacques obtém o seu lugar e casa com Denise, com a qual trata de suscitar discípulos de Zenão e de Spinoza; é benquisto por Desglands, amado pelo amo e adorado pela mulher, porque assim estava escrito lá em cima. Quiseram persuadir-me de que o seu amo e Desglands se tinham apaixonado pela mulher dele. Não sei nada disso; mas tenho a certeza de que à noite ele dizia para consigo mesmo: «Jacques, se está escrito lá em cima que hás-de ser cornudo, por mais que o faças hás-de sê-lo; se, pelo contrário, está escrito que não o serás, por mais que eles façam não o serás; por isso, dorme, amigo.» E adormecia.

Mas poderemos nós adormecer sem saber o que de facto está escrito? A questão é precisamente esta. Como escreve muito

acertadamente Fernando Cabral Martins, «o Fatalista é uma teologia na ausência de qualquer deus, bem como uma filosofia na ausência de qualquer verdade». Mas poderemos adormecer tranquilos sobre o vazio de deus e da verdade? E poderemos acordar sem sairmos lívidos de pesadelos e monstros informes? Como diz Jacques ao seu Amo:

O bem traz consigo o mal, o mal traz consigo o bem! Caminhamos pela noite por baixo do que está escrito lá em cima, igualmente insensatos nos nossos desejos, na nossa alegria e na nossa aflição. Quando choro, verifico muitas vezes que sou um tolo.

O AMO – E quando ris?

JACQUES – Verifico ainda que sou um tolo; porém, não posso deixar de chorar nem de rir: e é isso que me enfurece. Cem vezes tentei... Não pregava olho de noite...

O AMO – Não, não, diz-me o que tentaste.

JACQUES – Troçar de tudo. Ah se eu tivesse conseguido...

O AMO – Para que te serviria?

JACQUES – Para me livrar de preocupações, para não ter necessidade de mais nada, para me tornar perfeito senhor de mim mesmo, para sentir tão bem a cabeça encostada a um marco, à esquina da rua, como num bom travesseiro. É como eu sou às vezes, mas o diabo é que não dura muito, e, duro e firme como um rochedo nas grandes ocasiões, acontece muitas vezes atrapalhar-me por causa de uma pequena contradição, de uma ninharia; é de esbofetear-me a mim mesmo. Renunciei a isso, tomei a decisão de ser como sou, e vi, pensando um pouco no assunto, que vinha a dar no mesmo, acrescentando que não interessa como somos. É outra resignação mais fácil e cómoda.

Que é que impede a estabilização da verdade? Acima de tudo, o prazer de falar. Esse prazer pode ser uma verdadeira paixão. E tem uma característica – não olha a obstáculos: «Não há gente que mais goste de falar que os gogos, não há gente que mais goste de andar que os coxos.» Falar, conversar. Porque a conversa



tem uma característica absolutamente extraordinária: ao mesmo tempo que reúne tudo, dispersa tudo. A conversa dispara em todas as direcções, a gente atravessa-a com o fio de uma ideia, mas a ideia vai-se disseminando no decurso da travessia. E a dada altura, como se explica logo nas primeiras linhas deste livro, ninguém sabe para onde vai nem donde vem, nem em que ponto é que está. É certo que podemos tentar estabelecer, como Heidegger, uma diferença fundamental entre os diálogos em que está em jogo a demanda da verdade, e tudo é gravidade e peso, e a tagarelice, material leviano da pura distração, do divertimento inócuo. É certo que podemos tentar demarcar, como Habermas, a diferença entre o diálogo racional, movido pelos princípios da razão argumentativa, e a disputa apaixonada em que os impulsos e os interesses dominam os indivíduos. Mas será que esta divisão de patamares aguenta? As pessoas gostam de falar. Como diz Diderot, a propósito de uma estalajadeira: «[...] a paixão da estalajadeira pelos animais não era, como se poderia imaginar, a sua paixão dominante, mas sim a de falar.» E aqui surge mesmo no Amo a ideia do confronto inevitável entre aqueles que gostam de falar: «Nem imaginas a ideia singular que está a passar-me pela cabeça. Caso-te com a nossa estalajadeira e procuro, como um marido faria quando gosta de falar, uma mulher que não pare de dar à língua.» Que faria Jacques? E ele evoca os anos que passou em casa dos avós. Porque os avós eram exactamente o oposto: movidos pela paixão da pura referencialidade (a linguagem serve para dizer o que está fora da linguagem), eles só gostavam das palavras que tinham alguma utilidade:

Eram adelos. O meu avô Jason teve vários filhos. Toda a família era gente séria; levantavam-se, vestiam-se, iam trabalhar; regressavam, jantavam, voltavam sem dizer palavra. À noite caíam sentados em cadeiras; a mãe e as filhas fiavam, cosiam, faziam malha sem dizer palavra, os rapazes descansavam, o pai lia o Antigo Testamento. [...] Durante toda a sua vida, que foi longa, a minha avó só havia

dito *Vendem-se chapéus*, e o meu avô, que era visto nos leilões, muito direito, de mãos debaixo da sobrecasaca, apenas dissera *um soldo*. Havia dias em que era tentado a não acreditar na Bíblia.

O AMO – E porquê?

JACQUES – Por causa das repetições, que considerava um falatório indigno do Espírito Santo. Dizia que os repetidores de frases são tolos que tomam por tolos aqueles que os escutam.

A paixão de falar vai precisamente no sentido oposto. Trata-se de amar as palavras naquilo que elas têm de desajustamento em relação à realidade, e de compreender que essa realidade se transforma à medida que nós usamos as palavras em configurações diferentes. Trata-se de perceber que as palavras não servem apenas para referenciar a realidade, mas também, e sobretudo, para gerir distâncias (é essa a verdadeira definição da retórica) e para aproximar ou afastar as pessoas. Trata-se ainda de não pretender privilegiar apenas o que é útil, mas de ver até que ponto o inútil é tão útil como o útil (ou, se preferirem, o útil é tão inútil como o inútil). E é tudo isto que nos prende apaixonadamente à longa digressão que é este livro. Sentido de perder tempo, evidentemente. Mas sentido também de ir ao encontro do prazer do tempo perdido.

Mas não é só isso. Uma das coisas que faz a actualidade deste texto é a sua capacidade em estabelecer ligações (dizemos *links*?) em todos os sentidos. Nesse plano, forma aquilo que define o universo da cibercultura, que é o ser uma universalidade sem totalização. E ninguém vai mais longe na compreensão disto mesmo do que o próprio Diderot, ao dizer que o jogo da conversa é o jogo do «agarre quem puder» («*atrappe qui pourra*»). Como ele explicou luminosamente numa carta que enviou a Sophie Volland:

É uma coisa singular a conversa, sobretudo quando a companhia é um pouco numerosa. Veja os circuitos que nós fizemos. Os sonhos de um doente em delírio não são mais heteróclitos. No entanto, como nada há

de descosido na cabeça de um homem que sonha, nem na de um louco, tudo se prende na conversação; mas às vezes seria bem impossível reencontrar as cadeias imperceptíveis que atraíram tantas ideias disparatadas. Um homem lança uma palavra que se destaca daquilo que precedeu e do que lhe vai seguir; outro faz o mesmo, e depois agarre quem puder. Uma só qualidade física pode levar o espírito que dela se ocupa a uma infinidade de coisas diversas. Tomemos uma cor, o amarelo, a preocupação é amarela, a bília é amarela, a palha é amarela; a quantos fios não responde este fio amarelo? A loucura, o onírico, o descosido da conversação consistem em passar de um para o outro por intermédio de uma qualidade comum.

Daí que Jacques possa dizer ao seu amo: «Meu caro amo, a vida passa-se em equívocos. Há os equívocos de amor, os equívocos de amizade, os equívocos de política, de finanças, de igreja, de magistratura, de comércio, de mulheres, de maridos.» Equívocos, isto é, vozes que se equivalem, mas sobretudo «quiproquós», isto é, coisas que estão umas em vez de outras. E isto leva-me ao segundo ponto que impede a estabilização da verdade: a inexistência de uma metalinguagem. Uma das coisas que surpreende na construção do romance de Diderot, e que vem na linha directa do citado *Tristram Shandy*, tem a ver com a intervenção permanente do autor (digamos, do «narrador», o que, como se sabe, não é exactamente a mesma coisa), procedimento que tem inúmeras versões ao longo da história da ficção (até, como se podem lembrar, em autores que estão mesmo à nossa mão, como Saramago). De certo modo, isto significa que há alguém que põe e dispõe, que coloca as personagens em determinadas situações e depois as retira de perigo, que conta pormenores ou salta pormenores, que é o senhor do riso, do choro e do esquecimento. Isto é, alguém seria o soberano do texto, se tivermos em conta que o soberano é não somente aquele que não toca nos puxadores das portas (como dirá mais tarde Henri Michaux, mas isso só lhe dá uma nostalgia do concreto), como também aquele que, no dizer de Diderot, não

precisa nem de poses, nem de atitudes, nem de pantominas (ao contrário de todos os outros homens, que se afadigam nesse incessante jogo de espelhos).

Mas o texto, abrindo duas dimensões (tal como a distância intransponível entre o «em cima» e o «em baixo»), acaba por misturá-las. Por outras palavras, se há algo que se aprende é que estamos como numa fita de Moebius: o que está de fora também está por dentro e o que está por dentro também está por fora, e assim sucessivamente. Tal como o que está em cima também está em baixo e o que está em baixo também está por cima. A reversibilidade é ilimitada. E nessa reversibilidade vamos descobrir que a linguagem transporta a verdade, mas não está em condições de a nomear, limita-se a ser o dizer interminável da verdade. Como escreveu Jacques Lacan, numa famosa prosopopeia: «Eu, a verdade, falo.» Em *Jacques le fataliste*, Diderot fala, conversa, dança com as palavras, traça figuras de uma coreografia arrebatadora. Diderot não nos deixa repouzar um minuto: as personagens saltam, desaparecem, morrem, amam, enganam-se, agridem, ressuscitam, e tudo se processa numa agilidade e desenvoltura absolutamente surpreendentes. Como diz ainda Fernando Cabral Martins (no texto incluído no livro organizado por Maria João Brilhante), o «destino que determina a história, o encontro inesperado do joelho e da bala no campo de batalha, é o infinito verbal — o código — das coincidências gerais entre a forma e o que ela quer dizer e diz. E dizer é fazer, o querer dizer é poder de produzir. O ser é feito da linguagem. Quanto mais linguagem mais mundo. A cultura é uma biblioteca e o tempo um astral telex» (note-se que este texto é anterior a 78).

Mas esta ideia de reversibilidade está já inscrita no dispositivo dual de que se parte: o amo e o seu servidor fazem parte de uma eterna e sempre diversa dialéctica em que os pares evoluem, e que tem o seu modelo sublime em Dom Quixote e Sancho Pança. Mas quantos não são os duos da história da literatura ou da filosofia? Tal como em Hegel se pode dizer que,

na dialéctica entre o senhor e o escravo, o senhor acaba por ser dependente do escravo de quem se julga senhor, também aqui a permutabilidade das posições nos leva a pensar que (para utilizar uns versos de Georges Brassens, e que fazem eco com as linhas finais deste livro) «*le plus cocu des deux n'est pas celui qu'on pense*».

O essencial não está, portanto, na estabilização, mas num valor precisamente oposto: na velocidade com que o jogo continua a ser jogado. Esta questão da velocidade é talvez mais importante do que nós podemos pensar (ela pertence à problemática mais ampla do ritmo). Ela foi colocada de um modo extremamente interessante por André Aragon, nas notas que escreveu à margem do texto *Champs magnétiques*. Segundo ele, tratava-se de «fazer variar, no corpo do livro, de um capítulo para outro, a velocidade do aparo, de modo a obter faíscas diferentes. Porque, se parece provado que nesta espécie de escrita automática é absolutamente excepcional que a sintaxe perca os seus direitos (o que bastaria para reduzir a nada as “palavras em liberdade” futuristas), é indiscutível que as disposições tomadas para ir muito depressa ou um pouco mais lentamente são de natureza a influenciar o carácter daquilo que se diz. É mesmo de toda a gravidade, dado que a adopção *a priori* de um tema não é de modo algum incompatível com uma cadência muito acelerada da escrita habitual, enquanto não se pode, sem destruir o tema de alto a baixo, continuar a carregar indefinidamente no pedal». Daí que em relação à secção «*La glace sans tain*», Aragon defina uma velocidade  $v$  («muito grande e de natureza a manter este capítulo na atmosfera intencional, comunicativa, do desespero»), e que, em relação à secção seguinte, «*Saisons*», proponha uma velocidade  $v'$ : «[...] muito mais pequena do que  $v$ , digamos  $v/3$ , é já múltiplo da velocidade normal com a qual um homem tenta contar as suas recordações de infância, e sou eu que conto aqui as minhas recordações de infância.»

É um pouco um dispositivo deste tipo que Diderot poderia ter imaginado para os leitores de *Jacques le fataliste*. Porque, se bem que a velocidade seja fundamental, há modulações

essenciais desta velocidade conforme a matéria do que se conta. Por exemplo, o espantoso romance de Mme. de Pomme-roye, que faz parte deste livro, de uma forma um pouco descontínua, mas que exige uma sedosa lentidão narrativa que nada tem a ver com outras passagens. Daí que aprender a ler este livro seja também incorporar os seus diversos ritmos — e talvez só a insistente releitura permita essa vagarosa iniciação.

Ficam assim indicados alguns dos fios que permitem saborear (porque poucos livros como os de Diderot correspondem àquele princípio de «saber é sabor») a tradução impecável que Pedro Tamen fez de *Jacques le fataliste*. Verão, caros amigos, que nas vossas vidas irão muitas vezes repetir a frase de Jacques: é assim porque «está escrito lá em cima.» Estava escrito que este prefácio deveria ser escrito. Estava também escrito que ele deveria acabar aqui. Ou será que, para o desmentir, devo acrescentar mais uma frase? Adeus, caro leitor. Adormeça em paz.

Jacques  
o Fatalista

E O SEU AMO



Como se haviam encontrado? Por acaso, como toda a gente. Como se chamavam? Que vos interessa isso? Onde vinham? Do lugar mais próximo. Para onde iam? Sabe alguém para onde vai? Que diziam? O amo não dizia nada e Jacques dizia que o seu capitão dizia que tudo o que nos acontece de bem e de mal cá em baixo está escrito lá em cima.

«O AMO — Aí está uma grande frase!

JACQUES — O meu capitão acrescentava que cada bala que partia de uma espingarda tinha o seu destino.

O AMO — E tinha razão...»

Após uma curta pausa, Jacques exclamou: «Diabos levem o taberneiro mais a sua taberna!

O AMO — Porquê mandar o próximo para o diabo? Isso não é cristão.

JACQUES — É que, quando me embebedava com a zurrapa dele, esquecia-me de levar os cavalos a beber. O meu pai dava por isso e zangava-se. Eu abanava a cabeça mas ele pega num pau e dá-me uma esfrega nos ombros bastante dura. Ia a passar um regimento a caminho do acampamento em frente de Fontenoy, e eu, por despeito, alisto-me. Chegamos; trava-se a batalha...

O AMO — E recibes a bala que te ia destinada.

JACQUES — Adivinhastes; um tiro no joelho. E sabe Deus as boas e más aventuras provocadas por este tiro. Estão tão exactamente agarradas umas às outras como os elos da corrente

do cavalo. Por exemplo, se não fora aquele tiro, acho que nunca na minha vida ficaria apaixonado, nem coxo.

O AMO — Estiveste então apaixonado?

JACQUES — Se estive!...

O AMO — E isso por causa de um tiro?

JACQUES — Por causa de um tiro.

O AMO — Nunca me disseste uma palavra sobre isso.

JACQUES — Acho que não.

O AMO — E então porquê?

JACQUES — Porque não podia ter sido dito nem mais cedo nem mais tarde.

O AMO — E chegou agora o momento de saber desses amores?

JACQUES — Quem sabe?

O AMO — Seja como for, começa lá...»

Jacques começou a história dos seus amores. Era depois do jantar\*. Estava um tempo pesado, e o amo adormeceu. A noite surpreendeu-os em pleno campo; ei-los perdidos. E temos o amo numa fúria terrível, caindo sobre o criado com grandes chicotadas, e o pobre diabo dizendo a cada uma: «Pelos vistos, também esta estava escrita lá em cima.»

Bem vedes, leitor, que vou por um bom caminho e que só de mim pode depender fazer-vos esperar um ano, dois anos, três anos, pela narrativa dos amores de Jacques, separando-o do seu amo e fazendo-os passar aos dois por todos os incidentes que me apeteçam. Que é que me impediria de casar o amo e de fazer dele um marido enganado? Ou de meter Jacques num barco a caminho das Antilhas? E de levar o amo até lá? E de os trazer a ambos para França no mesmo barco? Como é fácil inventar histórias! Mas nem um e nem outro sofrerão mais que uma péssima noite, e vós não mais que esta demora.

\* Note-se que Diderot (à semelhança da terminologia usada ainda hoje em Portugal, em certas regiões) emprega a palavra jantar para designar o que hoje chamaríamos almoço. E a ceia é o que hoje diríamos jantar. (N. do t.)

Surgiram as luzes do alvorecer. Ei-los de novo montados nos seus animais e seguindo o seu caminho. — E para onde iam? — É a segunda vez que me fazeis essa pergunta, e pela segunda vez vos respondo: E que tendes com isso? Se entro a falar da viagem deles, bem podemos dizer adeus aos amores de Jacques... Andaram algum tempo em silêncio. Quando um e outro recuperaram um pouco das suas tristezas, disse o amo ao criado: «Ora bem, Jacques, onde íamos nós nos teus amores?»

JACQUES — Íamos, acho eu, na derrota do exército inimigo. Fugimos; somos perseguidos, e cada um pensa em si. Eu fico no campo de batalha, amortalhado sob a imensidade dos mortos e dos feridos, que foi prodigiosa. No dia seguinte atiraram-me com mais uma dúzia de outros para dentro de uma carroça, para ser levado para um dos nossos hospitais. Ah, senhor, acho que não há ferimento mais cruel que o do joelho.

O AMO — Ora, Jacques, estás a brincar.

JACQUES — Não, por Deus, senhor, não estou. Há por ali não sei quantos ossos, tendões e muitas outras coisas que nem sei como eles lhes chamam...»

Uma espécie de camponês que os seguia com uma moça na garupa e que os ouvira tomou a palavra e disse: «O senhor tem razão...»

Não se sabia a quem se referia aquele *senhor*, mas foi levado a mal por Jacques e pelo seu amo; e Jacques disse àquele interlocutor indiscreto: «Que tem isto que ver contigo?»

— Tem que ver com o meu ofício; sou cirurgião, às suas ordens, e vou demonstrar-vos...»

A mulher que ele levava na garupa dizia-lhe: «Senhor doutor, sigamos o nosso caminho e deixemos estes senhores, que não gostam que lhes demonstrem nada.

— Não — respondia-lhe o cirurgião, — eu quero demonstrar-lhes, e vou demonstrar-lhes...»

E, ao virar-se para demonstrar, empurra a companheira fazendo-a perder o equilíbrio e deita-a ao chão, com um pé

preso na aba da capa e as saias por cima da cabeça. Jacques desmonta, solta o pé daquela pobre criatura e baixa-lhe as saias. Não sei se começou por baixar-lhe as saias ou por soltar-lhe o pé; mas, a avaliar pelo estado da mulher, denunciado pelos seus gritos, estava gravemente ferida. E o amo de Jacques dizia ao cirurgião: «Eis no que dá demonstrar!...»

E o cirurgião: «Eis no que dá não querer que demonstrem!...»

E Jacques para a mulher caída ou levantada: «Consolai-vos, boa mulher, não foi nem por vossa culpa, nem por culpa do senhor doutor, nem por minha, nem pela do meu amo: é que estava escrito lá em cima que hoje, neste caminho, a esta hora, o senhor doutor seria um tagarela, o meu amo e eu seríamos rudes, vós sofreríeis uma contusão na cabeça e todos vos veriam o cu...»

Oh, o que esta aventura daria nas minhas mãos se me desse ao capricho de vos desesperar! Haveria de dar importância a esta mulher; faria dela sobrinha do prior da aldeia próxima; poria em alvoroço os camponeses dessa aldeia. Fabricaria lutas e amores, porque a verdade é que aquela camponesa era bela debaixo da roupa. Jacques e o seu amo tinham dado por isso; nem sempre o amor esperou por ocasião tão sedutora. Porque é que Jacques não haveria de se apaixonar segunda vez? Porque não haveria de ser pela segunda vez rival, e até rival preferido, do seu amo? — Já lhe tinha acontecido aquele caso? — Perguntas e mais perguntas! Não desejais então que Jacques continue a história dos seus amores? De uma vez por todas, explicai-vos: Será que isso vos dará, ou não, prazer? Se vos der prazer, reponhamos a camponesa na garupa atrás do seu condutor, deixemo-los ir e regressemos aos nossos dois viajantes. Desta vez foi Jacques que tomou a palavra e disse ao amo:

«Assim são as coisas; vós, que nunca na vossa vida fostes ferido e não sabeis o que é um tiro no joelho, sustentais-me, a mim, que tive o joelho feito em pedaços e que coxeio há vinte anos...

O AMO — Pode ser que tenhas razão. Mas por causa daquele cirurgião impertinente estás ainda na carroça com os teus camaradas, longe do hospital, longe da cura e longe de te apaixonares.

JACQUES — Seja o que for que queirais pensar, a dor do meu joelho era imensa; e mais aumentava ainda com a dureza da viatura, com a irregularidade dos caminhos, e a cada solavanco soltava um grito agudo.

O AMO — Porque estava escrito lá em cima que havias de gritar.

JACQUES — Por certo! Estava a perder todo o meu sangue e seria um homem morto se a nossa carroça, a última da fila, não tivesse parado diante de uma choupana. Ali chegado, peço para descer; põem-me no chão. Uma mulher nova, que estava de pé à porta da choupana, entrou em casa e tornou a sair quase imediatamente com um copo e uma garrafa de vinho. Bebi um ou dois copos à pressa. As carroças que iam à nossa frente foram-se. Dispunham-se a atirar-me de novo para o meio dos meus camaradas quando, agarrando-me com força às roupas daquela mulher e a tudo o que me rodeava, protestei que não tornaria a subir e que, morrer por morrer, antes fosse no lugar onde estava que a duas léguas dali. Terminei estas palavras e caí desfalecido. Ao sair desse estado dei comigo despido e deitado numa cama que ocupava um dos cantos da choupana, tendo à minha volta um camponês, dono da casa, a sua mulher, que era a mesma que me socorrera, e algumas crianças. A mulher molhara uma ponta do avental em vinagre e esfregava-me com ela o nariz e as têmporas.

O AMO — Ah, desgraçado! Ah, maroto! Infame! Estou a ver-te!

JACQUES — Meu amo, acho que não estais a ver nada.

O AMO — Não é por essa mulher que te vais apaixonar?

JACQUES — E ainda que me apaixonasse por ela, que é que haveria a dizer? Será que somos senhores de nos apaixonarmos ou não? E, quando estamos apaixonados, seremos senhores de

actuar como se o não estivéssemos? Se assim estivesse escrito lá em cima, tudo o que vos preparais para me dizer tê-lo-ia eu dito a mim mesmo, ter-me-ia esbofetado, teria batido com a cabeça contra as paredes, teria arrancado os cabelos, teria sido assim nem mais nem menos, e o meu benfeitor teria sido marido enganado.

O AMO — Mas, raciocinando à tua maneira, não há crime que se cometa sem remorsos.

JACQUES — O que me estais objectando já várias vezes me preocupou os miolos, mas com tudo isso, seja como for, vou sempre dar à frase do meu capitão: Tudo o que nos acontece de bem ou de mal neste mundo está escrito lá em cima... Conheceis, senhor, uma maneira de apagar aquilo que está escrito? Poderei eu não ser eu, e, sendo eu, poderei actuar como se não fosse eu? Poderei ser eu e outro? E desde que estou neste mundo terá havido um só instante em que tal não tenha sido verdade? Por mais que possais pregar, talvez as vossas razões sejam boas, mas se está escrito em mim ou lá em cima que as acharei más, que quereis vós que eu faça?

O AMO — Estou a pensar numa coisa: se o teu benfeitor teria sido marido enganado por tal estar escrito lá em cima, ou se estava escrito lá em cima porque tu farias do teu benfeitor um marido enganado?

JACQUES — Ambas as coisas estavam escritas uma ao lado da outra. Tudo foi escrito ao mesmo tempo. É como um grande rolo que se desenrola a pouco e pouco.

Imaginais, leitor, até aonde eu poderia levar esta conversa sobre um assunto de que tanto se tem falado, de que tanto se tem escrito desde há dois mil anos, sem por isso se ter avançado um passo. Se pouco me estais grato pelo que vos digo, muito me agradecei o que vos não digo.

Enquanto os nossos dois teólogos discutiam sem se entenderem, como pode acontecer em teologia, aproximava-se a noite. Iam atravessando uma região sempre pouco segura, e que o

era bem menos ainda quando a má administração e a miséria haviam multiplicado infinitamente o número de malfeitores. Pararam na mais miserável das estalagens. Montaram-lhes duas camas de campanha num quarto formado por tabiques entreabertos por todos os lados. Pediram ceia. Trouxeram-lhes água de charco, pão negro e vinho azedo. O estalajadeiro, a estalajadeira, os filhos, os criados, tudo tinha um ar sinistro. Ouviam ao lado os risos imoderados e a alegria tumultuosa de uma dúzia de bandidos que os haviam precedido e se tinham apoderado de todas as provisões. Jacques achava-se bastante tranquilo; mas o amo estava longe de o estar. Este passeava a sua preocupação de um lado para o outro, enquanto o criado devorava alguns nacos de pão negro e engolia entre caretas alguns copos de mau vinho. Nisto estavam, quando ouviram bater à porta. Era um criado que aqueles insolentes e perigosos vizinhos tinham obrigado a trazer aos nossos viajantes, num dos seus pratos, todos os ossos de um galináceo que haviam comido. Jacques, indignado, agarra nas pistolas do amo.

«Onde vais tu?

— Deixai-me.

— Onde vais tu, digo-te eu?

— Meter na ordem aquela canalha.

— Sabes que eles são uma dúzia?

— Nem que fossem cem, o número não interessa, desde que esteja escrito lá em cima que não são bastantes.

— Que o diabo te leve com o teu impertinente estribilhinho!...»

Jacques escapa-se das mãos do seu amo, entra no quarto dos salteadores, com uma pistola armada em cada mão. «Depressa, toca a deitar — diz-lhes ele — ao primeiro que se mexer estoiro-lhe os miolos...» Jacques tinha um aspecto e um tom tão genuínos, que os malandros, que tinham a vida em tanto apreço como as pessoas de bem, levantam-se da mesa sem dizer palavra, despem-se e deitam-se. O amo, inquieto quanto ao modo como iria acabar aquela aventura, esperava-o a tremor.



## NOTA BIOGRÁFICA


DENIS DIDEROT nasceu a 5 de Outubro de 1713, em Langres, no norte de França.

Em 1732 concluiu os seus estudos na Universidade de Paris. Pouco se sabe da sua vida entre os anos de 1734 e 1744: desistiu de entrar para o mundo do teatro e, para sobreviver, decidiu ser professor; a certa altura sentiu-se seduzido pela carreira eclesiástica, mas a verdade é que enveredou por uma vida boémia e desregrada. Em 1743 casou-se com Antoinette Champion em segredo, por causa da desaprovação do pai desta. Tiveram três filhos, mas apenas um sobreviveu. Em 1755 conheceu Sophie Volland, com quem manteve um relacionamento intenso durante mais de 20 anos.

Em 1745, o editor André Le Breton desafiou Diderot a dar seguimento ao projecto de traduzir para francês a *Cyclopaedia, or Universal Dictionary of Arts and Sciences*, de Ephraim Chambers. Diderot aceitou o desafio e trabalhou em parceria com Jean Le Rond d'Alembert. Rapidamente o projecto da tradução foi expandido e Diderot transformou-o numa obra em que pretendia expor os princípios essenciais e o âmbito de aplicação de todas as artes e ciências, fazendo-se rodear por uma imensa equipa de homens das letras, das ciências e da religião. O resultado foi a publicação dos 27 volumes da *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. De entre a vasta produção literária e ensaística de Denis Diderot destacam-se *Pensées philosophiques* (1746), *Le fils naturel* (1757), *Le père de famille* (1758), *La religieuse* (1760), *Le neveu de Rameau* (1761-74) e *Paradoxe sur le comédien* (1773).

*Jacques, o Fatalista, e o seu amo* foi escrito em 1773 e publicado postumamente em 1796.

Denis Diderot morreu a 31 de Julho de 1784, em Paris.



Esta edição de

# JACQUES O FATALISTA

foi composta em caracteres Hoefler  
Text e impressa pela Guide, Artes  
Gráficas, sobre papel Coral Book de  
80 grs, numa tiragem de 1500  
exemplares, no mês de  
Agosto de 2014.